

CARTOGRAFIA DO TRANSBORDAMENTO

Um estudo de caso do Minhocão/SP

CARTOGRAPHY OF OVERFLOW
A case study of Minhocão/SP

Juliana Artuso¹ e Rovenir Bertola Duarte²

Resumo

O presente artigo propõe a construção de uma leitura cartográfica do transbordamento que reúne duas discussões baseadas no conhecimento corporificado: a epistemologia feminista e o afeto deleuziano. A cartografia do transbordamento, por não trabalhar com representações nominadas previamente, apresenta grande sensibilidade às multiplicidades, atenta às experiências subjetivas. Para tal, adota-se como estudo de caso o Minhocão (Elevado João Goulart), na cidade de São Paulo, em seus dois espaços: a parte superior e inferior do Elevado. Assim, busca-se refletir uma experiência de cartografia e leitura transbordada do espaço do Minhocão, agregando novos conteúdos de imagens. A pesquisa baseia-se no método cartográfico afetivo e utiliza como instrumentos, o trabalho de campo, a observação-participante e o diário de bordo. Desse modo, conclui-se que a leitura corporificada do local permitiu reflexões sobre micro espaços e comportamentos, que de algum modo, podem auxiliar a pensar além das bordas do Minhocão.

Palavras-chave: corpo, epistemologia feminista, cartografia afetiva.

Abstract

This article proposes the construction of a cartographic reading of overflow that brings together two discussions based on embodied knowledge: feminist epistemology and Deleuzian affect. The cartography of overflow, by not working with previously named representations, is highly sensitive to multiplicities and attentive to subjective experiences. To this end, the Minhocão (João Goulart Elevated Highway), in the city of São Paulo, is used as a case study, in its two spaces: the upper and lower part of the Elevated Highway. The aim is to reflect on an experience of cartography and overflowing reading of the Minhocão space, adding new image content. The research is based on the affective cartographic method and uses fieldwork, participant observation and a logbook as instruments. The conclusion is that the embodied reading of the place allowed reflections on micro-spaces and behaviours, which in some way can help think beyond the edges of the Minhocão.

Keywords: body, feminist epistemology, affective cartography.

Introdução

Basta ouvir uma palavra para emergir na imaginação um lugar inteiro, assim, palavras como “nossa casa” ou “a cidade tal” acionam imagens claramente delimitadas por bordas. Em outras palavras, as leituras se acomodam muito facilmente às imagens e aos nomes prontos e acabados, voltados à ideia de uma realidade já dada. Nesse sentido, apressa-se o entendimento da existência de um lugar frente à visão de múltiplos lugares, ou seja, uma acomodação a um tipo de realidade, baseada nas bordas binárias do sim ou não, que mascara as diferenças presentes e os atravessamentos destas bordas. Desse modo, parte-se da inquietação por uma metodologia de leitura e cartografia do transbordamento que possa ir além das leituras prontas.

Esse trabalho, assim, na proposição da construção de uma leitura cartográfica do transbordamento reúne duas áreas de estudo baseadas no conhecimento corporificado, quer dizer, advindo da experiência do corpo: a epistemologia não binária feminista e a cartografia do afeto. Sobre a epistemologia não binária, toma-se um arsenal de ferramentas teóricas: a crítica ao universal, a leitura corporificada do espaço, a situacionalidade, a posicionalidade e a interseccionalidade. Em relação ao afeto, o trabalho aproxima-se das reflexões deleuzianas, mais especificamente sobre os caminhos pré-cognitivos e corporificados, que resistam a linguagem, representações ou consciências em prol de uma experiência com “ideias confusas de misturas entre corpos” (Deleuze, 1997, p. 162).

Deve-se ressaltar inicialmente que existe um interesse da cartografia com perspectiva feminista pelo entendimento da experiência subjetiva (Mclafferty, 2002; D'ignazio; Klein, 2016). Contudo, diferente das discussões sobre as relações conscientes vinculadas às emoções, há pouca clareza sobre como os instrumentos podem registrar aspectos inconscientes voltados aos afetos. Assim, a cartografia afetiva se encaixa nessa discussão, por não trabalhar com representações nominadas previamente, como as emoções, e por apresentar grande sensibilidade às multiplicidades, de modo a mostrar-se atenta a cada encontro e suas respectivas afecções.

Para essa investigação, adotou-se como caso concreto o espaço do Elevado Presidente João Goulart, popularmente conhecido como “Minhocão”, localizado no centro da cidade de São Paulo. A seleção deste lugar se justifica pela sua ambivalência, em algum sentido esquizofrênica, que em alguns momentos volta-se para o tráfego intenso de veículo, em outros se abre para as apropriações da comunidade local, tornando-se um espaço público na cidade. Em uma face, o lugar exhibe com esplendor a alegria de sua ocupação, na outra esconde e exclui uma população ocupante, reproduzindo privilégios e apagamentos.

O experimento foi realizado entre os meses de janeiro e agosto de 2024, por meio de caminhadas, baseadas nas quatro fases de variações de atenção (Kastrup, 2009) e do “modo-campo” (Fiori, 2018), como também, pelo instrumento da observação participante, com registros fotográficos e diário de bordo (Knudsen e Stage, 2015). Propõe-se entender, por meio de transbordamentos, como é possível evitar que qualquer imagem genérica se estabeleça frente à complexidade da realidade. Como resultado o trabalho encontrou na cartografia afetiva um recurso importante de pensar a posicionalidade, interseccionalidade e a reflexividade da presença da mulher no espaço público, com maior atenção ao espaço em escalas e eventos menores, compreendido de forma dinâmica e relacional.

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa Associado UEM/Uel de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (UEL/2024) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNESP/2021).

² Doutor em Comunicación Visual en Arquitectura y Diseño (Universitat Politècnica de Catalunya/2015), Mestre em Arquitetura e Urbanismo (USP/2001) e Arquiteto e Urbanista (UEL/1994).

Metodologia

Essa pesquisa, com caráter exploratório e qualitativo, é marcada pela lente fenomenológica, mais especificamente, pela abordagem da fenomenologia pós-intencional (Vagle, 2018). Esta lente, em geral, voltada para o estudo da experiência, interessa-se mais pela forma como os sujeitos experimentam as suas tomadas de decisões, no lugar do porquê estes tomam tais decisões (Smith et al, 2009). Contudo, frente a possíveis conflitos entre as ideias fenomenológicas tradicionais e o conceito de afeto explorado na investigação, toma-se a vertente pós-intencional, pois o conceito da intencionalidade, e sua intrínseca relação com a consciência, pode divergir em certos aspectos do afeto. Vagle (2018) destaca que tal vertente rejeita a noção da experiência pura ou da estrutura que pode ser sistematicamente representativa da experiência, aproximando-se das ideias pós-estruturalistas, como também, rejeitando o uso de posições binárias (Vagle, 2018), importante para o transbordamento sugerido aqui.

O procedimento metodológico construído parte da preocupação, de Knudsen e Stage (2015), em repensar as ferramentas tradicionais, principalmente as etnográficas, com ênfase na inserção de uma leitura corporificada do poder (Crenshaw, 1989; Harding, 1987). Assim, ressalta-se a importância de trazer o “corpo-pesquisador” como um recurso valioso para apreender as qualidades afetivas no espaço, com ênfase nos instrumentos do diário de campo e da observação participante.

Nesta pesquisa, o diário de campo aproximou-se das orientações de Punch (2012), nas quais defende uma ferramenta para aprimorar o processo de reflexividade, posicionalidade e o lugar das sensações no trabalho de campo. Assim, reconhece a existências de incertezas e da não onisciência da pesquisadora, de modo que não pode entender completamente os impactos de suas lutas emocionais e pessoais na condução do trabalho de campo. Uma luta, ainda segundo Punch (2012), muitas vezes ocultas na produção de conhecimento. As anotações (desenhos e textos) foram realizadas durante e imediatamente após o percurso no Minhocão, com atenção ao comportamentos, frases e observações captadas na experiência de campo (Barros e Kastrup, 2009). Reconhece-se que as atividades realizadas, as pessoas presentes, e o registrado ganha relevância quando incorporados no relato de campo (Barros e Kastrup, 2009; Magnani et al, 2023), buscando evitar a inserção de opiniões e interpretações do experienciado (Barros e Kastrup, 2009).

A observação participante, por sua vez, pautou-se pelo “modo-campo” (Fiori, 2018), que significa estar alerta às situações dinâmicas as quais a pesquisadora não dedicaria atenção em sua vida cotidiana. Em outras palavras, estar aberta aos encontros e ao imprevisível, sendo “parte fundamental do processo de entrar em contato com outras maneiras de estar no mundo” (Magnani et al, 2023, p.123). A caminhada, dentro do processo de observação participante, relacionou-se com o que Kastrup (2009) chamou de “uma ida à campo”, organizada em quatro diferentes variações de atenção: rastreio, toque, pouso e reconhecimento.

O rastreio consiste em um andar “deixando-se levar”, percebendo e acompanhando as relações estabelecidas em campo, tais como, as mudanças de posição, velocidade, aceleração e ritmo. Partiu-se de uma postura em campo descrita por Magnani et al (2023, p. 120) como “um estado de disposição para um encontro”, mantendo uma atenção constante aos estímulos no entorno e buscando as situações sociais, isto é, as apropriações das mulheres nos espaços públicos. A atenção nessa primeira fase rastreia uma espécie de alvo ou meta móvel (Kastrup, 2009). Em seguida entra o toque, com um olhar mais atento às sensações, como em um processo de seleção, podendo assumir diferentes graus de intensidade e tempos para acontecer.

Após o toque, a atenção voltou-se para o movimento de pouso, “uma parada no movimento”, como pontua Kastrup (2009, p. 35), indicando uma mudança de escala de atenção. Nessa fase foram realizadas as fotografias, com o objetivo de exercício de atenção no levantamento. E por fim, a percepção voltou-se para o reconhecimento com uma atenção mais atenta, envolvendo um retorno maior à consciência e buscando destacar as singularidades dos territórios e situações apreendidas. Nessa última fase, foram selecionados eventos específicos para cartografia e observação dos afetos, com a participação de mulheres no espaço público. A seleção não foi definida previamente, mas ficou a cargo dos encontros durante as nove caminhadas do experimento, realizadas entre os meses janeiro e agosto de 2024.

Por uma epistemologia não binária

Como é possível descrever uma leitura baseada nas bordas e em seus limites? Provavelmente existem muitos métodos e processos que não desejam sair de seus limites, mas um processo bem intuitivo e conhecido é aquele cuja leitura da vida no espaço se baseia em categorias. Nesta leitura tudo aparece magicamente organizado em grupos por classe, raça, etnia, religião, nacionalidade, gênero, sexualidade, etc. Esse caminho dentro dos limites das bordas organiza os animais em espécies, os edifícios em tipos, os comportamentos em temperamentos e assim sucessivamente. Tudo dentro de conjuntos, mais ou menos hierarquizados, etiquetados e organizados. Contudo, reativamente aos sistemas binários da organização patriarcal, o feminismo contemporâneo propõe uma epistemologia que parece recusar esse caminho, como também, seus limites (Haraway, 1988). A lógica para tal recusa é simples, evitar limitar-se a ideia de que as pessoas possam ser reduzidas a categorias, em prol de leituras com múltiplas dimensões e bordas.

Dessa forma, esta epistemologia busca refutar qualquer ideia binária de poder, resumida pela relação entre um opressor e outro oprimido, de modo a expandir o entendimento de poder, de suas fontes e de suas complexas redes de relação. A leitura do poder torna-se, então, multifacetada, difusa e relacional (Staeheli; Kofman, 2004), de modo a repensar a binaridade em prol de um pluralismo (D’ignazio; Klein, 2016). Esse movimento vai além da negação das distinções binárias entre as categorias de feminino e masculino, mas também, entre natureza e cultura (Haraway, 1991), sujeito e objeto (Hekman, 1990), razão e emoção (Llyod, 2002), corpo e mundo (Barad, 2007) entre outras. Busca-se, de modo resumido, atravessar as bordas limítrofes de um pensamento categórico e binário, mas como provocar tal transbordamento?

Para essa tarefa, essa epistemologia se arma de um arsenal de ferramentas teóricas, por exemplo, a crítica ao universal (McDowell; Sharp, 1997; Rose, 1993), a leitura corporificada do poder (Crenshaw, 1989; Harding, 1987; Kelly; Bosse, 2022; McDowell, 1992), a situacionalidade (Haraway, 1991; Rose, 1997), a posicionalidade (Friedman, 1998), a reflexividade (Haraway, 1988; Rose, 1997; Kobayashi, 2003) e a interseccionalidade (Collins, 2015; Crenshaw, 1991). Cada uma delas, com a missão de evitar que qualquer imagem genérica se estabeleça frente à complexidade da realidade.

De modo muito resumido, essa abordagem conceitual se inicia justamente a partir de uma crítica a um espírito, pretensamente universal e objetivo, que pratica investigações por meio da construção de categorias, nomenclaturas e códigos (Harding, 1986; Rose, 1993; Staeheli et al, 2004). Esse espírito de investigação, que se apresenta como imparcial e neutro, reproduziria um olhar especificamente masculino impositor de uma espécie de verdade (McDowell; Sharp, 1997). Desse modo, no lugar de reforçar tal dualidade, dessa vez do lado feminista da borda, defende-se transbordar tais territórios

em busca da complexidade presente na vida. Rompe-se com modelos em prol da qualquer inclusão, por não brancos, travestis, lésbicas e transexuais etc. (Silva, 2008).

Esse transbordamento passa de início pelo corpo, mais especificamente pelo conhecimento incorporado, ou seja, de um saber advindo da própria experiência no espaço, onde se reconhece corpos diferenciados e experiências afetivas como fundamentais (D'ignazio; Klein, 2016). Entretanto, esse corpo não é um conceito abstrato, mas sim, um corpo situado e posicionado.

A ideia de corpo situado remete à própria experiência do corpo no espaço (Haraway, 1988; Harding, 1986), como um agente ativo, relacionado a um “conhecimento situado” (Haraway, 1989; 1991), onde a produção de conhecimento é relacional e contextual. Em sentido complementar, a posicionalidade enfatiza os diferentes pontos de vista dos corpos envolvidos, onde a identidade é fluida ao invés de estável. Friedman (1998) reforça, nessa lógica, uma identidade em constante mudança, uma vez que é constituída através de diferentes pontos de referência e condições materiais da história. Assim, se de um lado o corpo situado se volta para o contexto em que se insere, de outro, a posicionalidade reconhece que as identidades deste corpo são dinâmicas frente ao mundo. Desse modo, reconhecem um movimento que embarça as fronteiras das bordas, revelando uma multiplicidade presente nos contextos e identidades.

Diante de tal movimento presente nos espaços e corpos, a reflexividade emerge para produzir uma visão crítica das localidades, mais especificamente sobre privilégios, preconceitos e apagamentos, de modo a reconhecer as influências pessoais, interpessoais, institucionais e emocionais no espaço (England, 1994; Mohanty, 1988, 2003). Dessa forma, a última ferramenta, a interseccionalidade (Collins, 2015; Crenshaw, 1989; 1991) discute o encontro nessas redes de relações de poder, que podem introduzir opressões cruzadas que envolvam, por exemplo, diferenças de raça, gênero e outros sistemas semelhantes de poder, comumente vistos de modo independente. Pode-se, assim, pensar em uma espécie de sobreposição de camadas que já não respeitam e se conformam com os limites das bordas.

Em resumo, pode-se pensar que, dentro desta epistemologia, as bordas, fronteiras e limites são vistos de modo imaginativo, de tal maneira, que as diferenças e os conflitos possam ser construídos e representados vividamente (McDowell; Sharp, 2014), muito além do discurso baseado na leitura dominante. Transbordar, nesse sentido, é poder conhecer de modo vivenciado e corporificado os diversos lugares existentes e concomitantes (sim e não), ao invés, de confiar em processos que classificam e categorizam binariamente o mundo em sim ou não. Essas ferramentas são realmente poderosas para produzir o transbordamento, mas sempre existe o perigo, de se trocar uma imagem por outra, uma borda por outra. Nesse sentido, outro ferramenta é agregado aqui: as leituras pelo afeto.

As cartografias do afeto como transbordamento: preferência pelos gritos ao discurso do conceito

O afeto, discutido nessa leitura, advém das discussões do filósofo francês Gilles Deleuze (1997, 2017, 2019) do pensamento de Baruch Spinoza (1632-1677). Nos anos de 1980, o autor francês destaca as afecções (*affectio*) e os afetos (*affectus*). Em sua abordagem, as afecções seriam como as imagens ou marcas corporais e suas ideias, expressando a natureza do corpo afetado e do corpo exterior afetante. Os afetos, por outro lado, remetem à transição de um estado a outro, ligado ao espírito, algo experimentado e não representacional. Em outras palavras, através dos rastros detectados em encontros entre corpos, detectar-se-ia “a transição de um estado a

outro levaria em conta a variação correlativa dos corpos afetantes” (Deleuze, 2002, p. 56). Assim, o afeto torna-se uma forma muito específica de expressão, associado a uma variação de intensidade no corpo que pode aumentar/fortalecer ou diminuir/enfraquecer a sua potência ou capacidade de agir (Deleuze; Parnet, 1998). Mas, como tal forma de expressão poderia ajudar ao desenvolvimento de leituras transbordadas do espaço?

Como observam Knudsen e Stage (2015), embora existam muitas divergências entre os teóricos do afeto, a sua maioria concorda que o afeto “viaja” entre corpos humanos e não humanos, e é experimentado subjetivamente, indo além da vontade e da intencionalidade consciente do corpo afetado. Estes teóricos, como Massumi (2002), Thrift (2004), Brennan e Clough, pensam o afeto mais como um estímulo externo, que atravessa primeiro o corpo e depois o aparelho cognitivo. Desse modo, o afeto não passaria por um processo de significação (não-representacional), mas sim, por caminhos pré-cognitivos e corporificados que exige a relação entre corpos para ocorrer (Yonezawa, 2015). Em outras palavras, os afetos atuam antes da presença da consciência (Simpson, 2020), ou que nem todos os afetos sejam assimilados pelo consciente (McCormack, 2003), ou ainda, que eles sejam da ordem do não-cognitivo (Pile, 2010). Envolve, então, um tipo de expressão ligado a relações ainda não nomeadas (pré-cognitivas) e inter-corpos (não personalizados), que pode ajudar a entender o funcionamento de diversas formas de poder (Anderson, 2006; Pile, 2010; Hutta, 2020).

A leitura por meio do afeto, e suas afecções, destaca um movimento teórico contra o privilégio da linguagem, privilégios estes que resultaram no esquecimento do corpo e das questões da materialidade (Clough, 2004; Lara, 2020). O foco não estaria mais na representação da realidade, e sim a realidade sem representação (Lara, 2020). Entretanto, a questão persiste, por que resistir a linguagem, representações ou consciências poderiam ajudar no processo de transbordamento?

Deleuze (1997) observa que o afeto trata de um tipo especial de expressão, dotado das características de variabilidade e equivocidade, de tal forma que o gênero de conhecimento que constitui é voltado para uma experiência “onde se encontram ao acaso ideias confusas de misturas entre corpos [...] É uma linguagem material afetiva mais que uma forma de expressão e que se assemelha de preferência aos gritos do que ao discurso do conceito” (p. 162). O seu modo de atuação está fora do discurso delimitado e codificado pela linguagem, significação e representação da experiência (Bissell, 2010; Lara, 2020). Dessa forma, apresenta-se entre a percepção e a linguagem (Stubblefield, 2018), podendo facilmente transitar entre bordas: transbordar.

Assim, acredita-se que os afetos produzem pistas para compreender como os encontros, entre diferentes tipos de corpos, podem de modo não-representacional contar sobre os lugares além das bordas. Em resumo, o afeto aqui é não cognitivo e não representável, e está diretamente relacionado a quatro elementos fundamentais: corpos humanos e/ou não humanos; o encontro, que é a interação entre dois ou mais corpos (cadeias de associações entre corpos); a ação de um corpo sob o outro, compreendido como o afetar e ser afetado; e por fim, os efeitos ou signos que um corpo deixa sob o outro (Deleuze, 1997). Soma-se a tal visão, as preocupações frente ao binarismo já expostas, para buscar um tipo leitura transbordante, contudo, antes de tal leitura cabe uma rápida imagem do Elevado limitado às bordas.

O Minhocão dentro das bordas

O lugar, condicionado pelas bordas de seus nomes, já teve nome de general, Arthur da Costa e Silva, que remete ao tempo de sua construção na Ditadura Militar (1964-1985), como também com referência a democracia, o Elevado Presidente João Goulart, mas de modo popular é reconhecido por “Minhocão”. Uma via elevada localizada na região central da cidade de São Paulo, contando três bairros distintos: Barra Funda, Santa Cecília e República.

O lugar, definido pelas bordas de seus números, pode ser descrito como, na época, a maior obra de concreto armado da América Latina. Inaugurado em 25 de janeiro de 1971, concluída em apenas 14 meses, no dia do aniversário da cidade. De modo simples, trata-se de uma via elevada a 5 metros de altura, com 16,70 metros de largura na pista de rolagem, para o tráfego de automóveis. Em sua extensão, vai da Praça Roosevelt ao Largo Padre Péricles, com 3,4 quilômetros.

Contudo, o lugar talvez não possua bordas tão definidas em todas os seus aspectos, pois uma de suas marcas está na proximidade ao seu entorno, de modo que os edifícios margeiam a obra viária tão de perto que, como dizem Fiorin e Hirao (2019), as fronteiras visuais entre os apartamentos e a via elevada se misturam. Por isso, apenas cinco anos após sua inauguração, em 1976, em resposta à pressão popular devido aos altos índices de poluição sonora e ambiental, foi fechado pela primeira vez ao tráfego motorizado. Pouco tempo depois, ficou estabelecido o fechamento diário do Elevado da meia-noite às cinco da manhã pelas mesmas razões. A partir de 1989, durante a gestão da prefeita Luiza Erundina, foram definidos horários fixos de fechamento semanal: das 21h30 às 6h30.

Com esses fechamentos, a partir de então, o Minhocão começa a ser apropriado informal e espontaneamente por moradores do entorno para diversas atividades de lazer, transformando o território com diferentes significados e interpretações (Barbosa, 2012; Marino, 2019). Assim, apesar de sua clara finalidade prevista, restrita aos carros e separando-os do solo, uma nova vocação parecia rondar o lugar. No início da década de 2010 surgem diversas associações em prol da ocupação dos espaços públicos da cidade de São Paulo, com destaque do grupo Baixo Centro. Este grupo foi formado por produtores culturais de arte urbana do bairro Santa Cecília, atravessado pelo Minhocão, que proporcionaria ações que afetariam diretamente esse local. Entre 2011 e 2014, este grupo organizou vários eventos no Elevado, com ocupações artísticas e intervenções temporárias. Em uma delas, o grupo utilizou grama artificial, cadeiras de praia e piscinas desmontáveis, promovendo o slogan: “as ruas são feitas para dançar”. Dessa forma, em 2012, ocorreu no Minhocão e seus arredores, pela primeira vez, um grande evento colaborativo chamado BaixoCentro, a partir de um financiamento coletivo, organizado e promovido por mídias sociais, sendo um sucesso de público ganhando atenção da mídia.

A partir desse evento, o Minhocão tornou-se um local popular na cidade, sendo sede do evento cultural mais importante da cidade, a Virada Cultural. Após três anos de festivais e eventos anuais, o grupo se dispersou e parou de organizar eventos em 2016, mas proporcionaram uma importante contribuição na transformação da visão dos moradores sobre o antigo e sisudo elevado. O Minhocão passou a atrair uma multidão de pessoas, transformando-se em um centro de atenções. Em agosto de 2013, foi criada oficialmente a Associação Parque Minhocão, com a união de moradores, artistas, ativistas, políticos e arquitetos e urbanistas, com a agenda de transformar o Minhocão em um parque elevado oficial (Levy, 2014, 2015; Comolatti et al, 2014), uma iniciativa influenciada pela experiência do High Line Park em Nova York. Esta associação, que possuía uma sede em um apartamento voltado ao Elevado (atualmente a Associação

mudou-se do Minhocão), ainda que não promovesse ações diretas no Elevado, apoiou diversos grupos que o utilizaram como espaço público. Durante a Bienal de Arquitetura de São Paulo de 2013, a Associação organizou uma exposição sobre High Line Park em sua sede, além de montar uma piscina no topo da estrutura do elevado.

A partir dessa nova imagem do Minhocão, muito derivada das ações oriundas de ativistas culturais, surgem grupos contrários a tal ocupação, gerando reações em ambientes físicos, virtuais e jurídicos. O Conselho Comunitário de Segurança do bairro e a Associação de Moradores do Bairro Santa Cecília, por exemplo, geraram uma ação judicial e instauraram três inquéritos civis no Ministério Público, denunciando problemas de infraestrutura do Elevado. Até que, em abril de 2015, estas ações conseguiram impedir o uso do Minhocão como parte da Virada Cultural. As sucessivas proibições de ocupação geraram uma reação com a criação do grupo Ocupa Minhocão, em maio de 2016, que defenderia a permissão de eventos.

Na verdade, desde a metade da década de 2010, inicia um embate urbano e político, realizado em uma série de audiências públicas, debates, eventos, protestos e ações judiciais envolvendo o caso. Dessa forma, por um lado, grupos, como a Associação Parque Minhocão e o Ocupa Minhocão, avançaram com vários projetos de lei buscando a transformação legal do elevado em um parque urbano. Por outro, reações, como o movimento Desmonte Minhocão em colaboração com o Ministério Público, denunciaram supostas irregularidades na forma como os poderes executivo e legislativo estavam tratando o caso do Minhocão.

Em tempos atuais, diversas especulações sobre o futuro do Minhocão têm surgido na mídia, mas seu caso ainda se encontra em disputa. Desse modo, diferentes atores sociais posicionaram-se sobre seu uso: alguns a favor da apropriação e transformação em um parque (Baixo Centro, Associação Parque Minhocão, Ocupa Minhocão), outros se opuseram à formalização da estrutura em Parque (SP sem Minhocão), e ainda, em última instância, alguns são contrários às apropriações espontâneas na área (Desmonte Minhocão). Assim, apesar das inúmeras propostas para sua demolição, após anos de embates políticos com lutas nos mais diversos âmbitos, um olhar mais sensível tem sido lançado para o Minhocão, como um espaço alternativo de lazer aberto às pessoas. Desse modo revelam-se outros usos, não pensados e não programados por arquitetos e urbanistas, os quais transformam a via elevada, antes unicamente destinada ao tráfego intenso de automóveis, em um parque tido como uma verdadeira praia urbana para muitos paulistanos.

Ao final, a partir dessas múltiplas apropriações pela população local, como também pelos seus efeitos, o Minhocão assumiu diversas imagens. Pode parecer um sisudo e poluído viaduto de carros, remetendo a um espírito e urbanidade de uma época específica, mas também pode remeter a uma alegre imagem de uma espécie de praia urbana, relacionado com uma festiva reivindicação pela democratização das áreas públicas da cidade. É possível relacioná-lo também com perdas de valor financeiro, a uma peça de infraestrutura urbana substituível, ou ainda, para muitas reportagens, um lugar com aumento de usuários de droga. Tais imagens, como outras não citadas aqui, se refletem no dia a dia das pessoas, nas mídias, redes sociais e, inclusive, nos meios jurídicos. O Minhocão se revela em suas diversas imagens, dentro de bordas mais ou menos claras, apresentadas de forma etiquetada, preservando uma leitura representacional. Na sequência, a partir de uma leitura baseada em um conhecimento corporificado, apresenta-se uma tentativa de transbordamento.

O Minhocão em busca do transbordamento

Antes de iniciar a descrição do experimento em campo, me apresento brevemente com a finalidade de posicionamento. Sou mulher e pesquisadora, em curso na pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, branca, com 28 anos, de classe média, que cresceu na cidade de São Paulo. Minha primeira aproximação ao Minhocão foi durante a graduação com a iniciação científica há 4 anos, dedicada a parte de cima do elevador. Eu o via como um local de apropriação para as pessoas para apropriação pública, o considerava como um espaço interessante para a convivência.

Minha leitura iniciou no “rastreo”, com um caminhar em condição “modo-campo” (Fiori, 2018), em outras palavras, imersa e atenta às situações, “deixando-me levar” e sem julgamentos. Minha única programação prévia foi que o Minhocão deveria ser visitado em seus dois espaços (os dois lados da moeda): a parte superior e a inferior do Elevado; sendo o tempo e momento para visita definidos por mim no decorrer do experimento. Assim, realizei as visitas entre janeiro e agosto, em dias da semana e horários distintos, com o uso dos instrumentos do meu caderno de campo e meu celular para registros, sendo ao todo nove caminhadas realizadas no Elevado João Goulart.

No universo de cima do Minhocão (a face superior da moeda):

Comecei o percurso no dia 14 de janeiro, um domingo quente e ensolarado com aproximadamente 30°C, no período da manhã e da tarde. Meu caminhar e olhar foram guiados pela curiosidade, na busca de entender o espaço e suas relações. Em uma primeira percepção, encontrei um mundo de cores dos grafites pintados nas fachadas cegas dos edifícios, em contraste com o cinza da cidade. Diversos estímulos de movimento se destacavam para mim, reconhecíveis em pessoas caminhando ou praticando corridas, algumas levando seus cachorros para passear, além de ciclistas e skatistas. Ao mesmo tempo, eu via crianças brincando e pulando amarelinha, enquanto acompanhantes conversavam sentados na mureta. Notei também que algumas pessoas se fixavam em alguns locais, por exemplo, homens e mulheres tomavam banho de sol nas cadeiras de praia ou nas muretas da via e uma palhaça de circo chamava a atenção das crianças. Por fim, percebi que os vizinhos do entorno observavam desde suas janelas os acontecimentos no Minhocão.

Nesse primeiro momento, me dei conta que meu olhar ao ler os acontecimentos no Elevado não conseguia sair do convencional. Tudo me pareceu categorizado e etiquetado: esportistas, ciclistas, skatistas, criança, mães... tudo isso me pareceu refletir uma visão do espaço e eventos dentro das bordas, muito enraizada na nossa compreensão do mundo.

Para aprofundar a minha atenção, na procura da fase do “toque”, como também, encontrar “ao acaso ideias confusas de misturas entre corpos” Deleuze (1997, p.162), busquei intensificar meus sentidos. Assim, um conjunto de estímulos tomou conta de mim, além da parte de cima do Elevado, como os sons da cidade, dos automóveis passando, da feira de domingo no Largo Santa Cecília e dos skates rolando na praça Marechal Deodoro. Do mesmo modo, senti o sol quente refletindo em meu corpo, o suor escorrendo em minha testa, para então, procurar uma sombra como refúgio. Não havia naquela hora sombras das projeções dos edifícios no Minhocão, mas apenas das poucas árvores existentes ou dos guarda-sóis dispostos nos espaços criados pela Prefeitura.

Ao aumentar minha atenção, percebi a importância destes espaços criados pela Prefeitura – com puffs, guarda-sóis, cadeiras de praia e banheiros químicos; para a

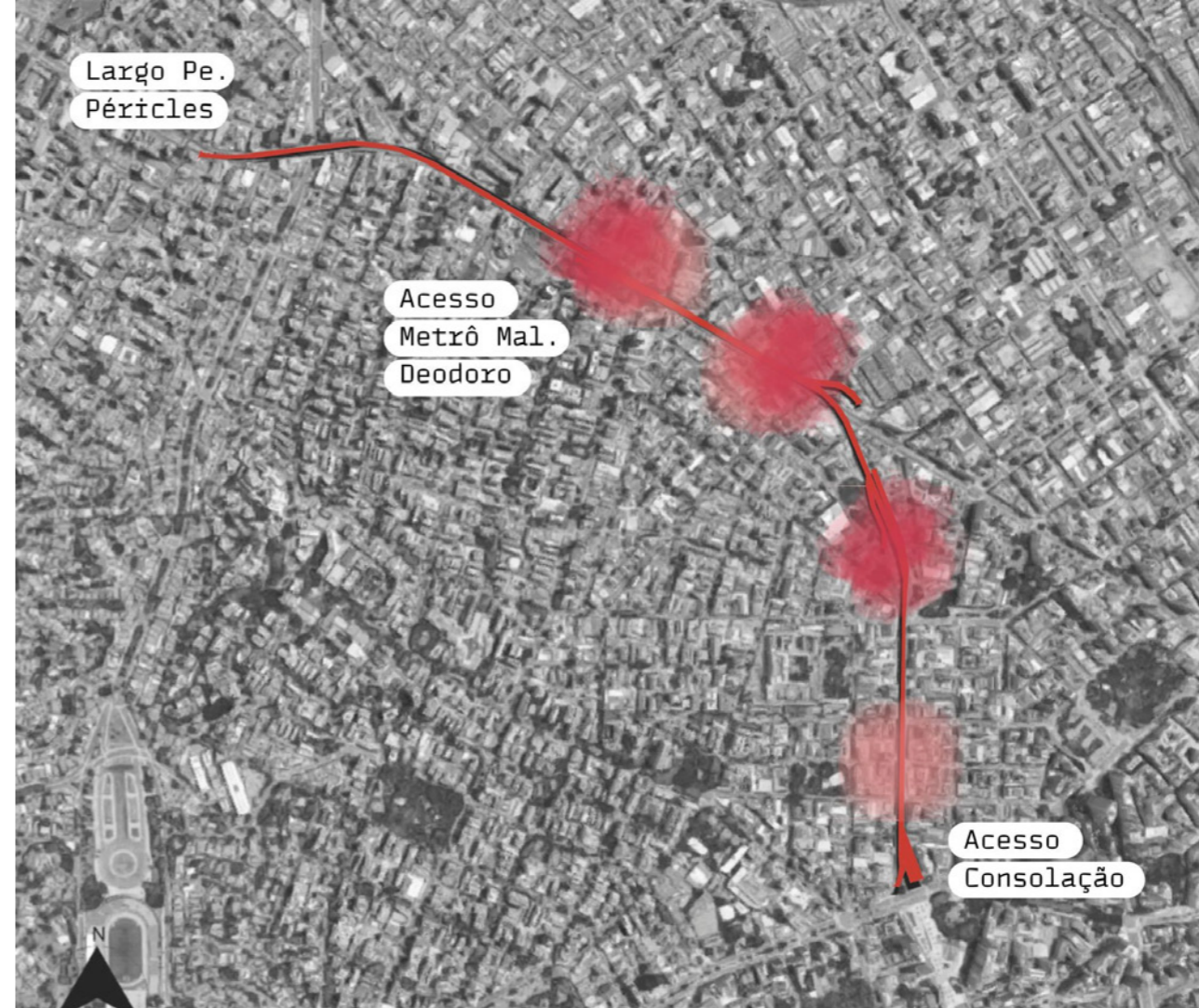


Figura 1 - Cartografia preliminar do Minhocão. Fonte: Elaborado pela autora (2024).

permanências das mulheres no elevador. De modo semelhante, também detectei uma relação entre estes locais de permanência e a proximidade dos acessos ao Minhocão. Assim, na terceira fase (Kastrup, 2009), pousei meu olhar e minha atenção em uma ação específica: as mulheres tomando sol em trajes de banho no Minhocão. Dessa forma, tomei esse evento como meu primeiro recorte, para apresentar a sua apreensão cartográfica, com uma leitura preliminar da parte de cima do Minhocão, na qual destaco os pontos mais relevantes para a aplicação do experimento (Figura 1).

Após uma visão geral do lugar, em um espaço com as cadeiras de praia, sentei-me ao lado da mulher (1), que tomava sol de biquíni e se mostrava aberta à interação. Nós dividimos parte de um guarda-sol, e eu, enfim, encontrei a minha sombra. Agora esses objetos ganharam nova significação para mim, parecendo poucos diante tanto calor que sentia. O compartilhamento do guarda-sol de alguma forma nos aproximava, como se dividíssemos a mesma sombra e território.

Posteriormente, encontrei a segunda mulher (2) com trajes de banho e deitada no banco de madeira, que não se encontrava quente. O banco escolhido por ela situava bem próximo à grade do Minhocão, no limite da via, contudo, ainda que não tivesse escolhido os bancos do centro da via, permanecia exposta. Esta mulher estava deitada de bruços, com fones de ouvido e posicionada com a sua face para a via. Assim, por um lado seu corpo não parecia desejar comunicar-se com o local, posicionada de bruços e com fones, por outro, se mostrava, ainda que de olhos fechados, ligada ao seu entorno. Contudo, para mim, seu corpo pouco se mostrava reativo às ações do parque, como se estivesse pouco afetada (Figura 2).

Em um outro momento, com o Minhocão mais vazio, outra mulher (3) tomava sol deitada próxima às pessoas que trabalhavam no Elevado, situados todos em um espaço marcado por um tapete de grama verde, formando uma espécie de sala dentro

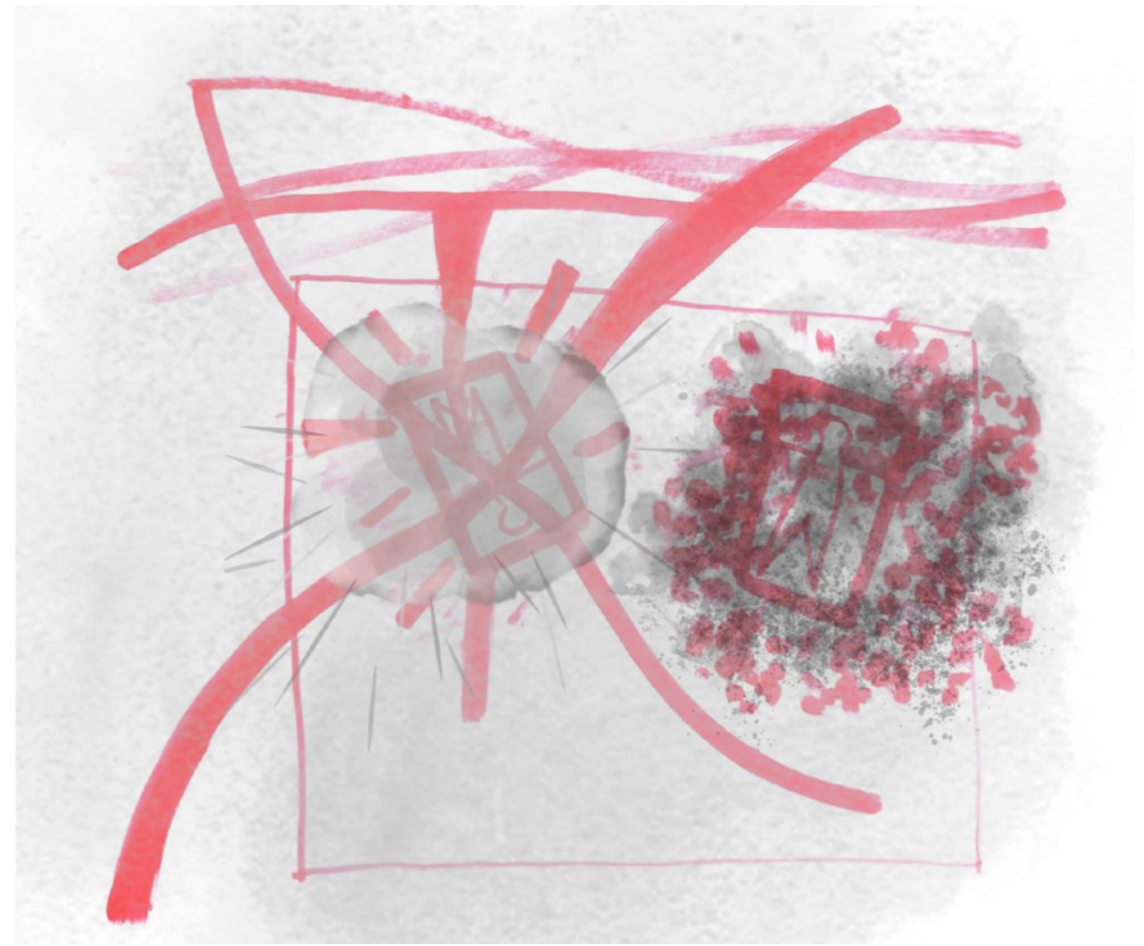


Figura 2 - Pessoas tomando sol no Minhocão. Fonte: Acervo dos autores (2024).

do espaço público. Esta mulher (3), também com fones de ouvido, lia um livro em “sua sala” em pleno espaço público, de tal forma, que não houve nenhum contato visual. A minha leitura de seu comportamento pareceu reforçar a ideia de estar dentro de um mundo próprio, constituindo um corpo-território a protegendo do mundo externo, que de algum modo me inibiu. Senti meu corpo afetado e sem condição de tentar uma conversa com ela.

Por fim, com a quarta mulher (4), sentada em uma cadeira de praia ao lado de um guarda-sol, iniciei uma nova aproximação. Esta mulher (4) se mostrava à vontade, contudo, movimentos aparentemente não conscientes demonstravam sua atenção com o fluxo de pessoas no Parque. Entretanto, em um momento específico, esta mulher (4) levantou-se e girou a sua cadeira, de modo que se antes estava voltada para a via do Minhocão e seu movimento de pedestres, agora permanecia de costas para o fluxo de pessoas e de frente para um edifício do entorno. Em seguida, me comentou sobre a presença de alguns olhares para as mulheres que tomavam sol de biquíni. Escolhi essa pequena ação para cartografar, buscando compreender as nuances e afetos envolvidos nesse movimento (Figura 3).

Após os diferentes dias de aplicação na parte de cima do Minhocão, atentei-me mais fortemente para a questão do afeto e de suas manifestações pré-conscientes. Contudo, esta parte ainda se mostrava como grupos mais ou menos identificados, ou seja, os habitantes do lado de cima do elevador, ainda parecem manter alguma unidade. Em relação a uma leitura mais reflexiva, não é possível ignorar privilégios e apagamentos. Nesses dias de observação, encontrei uma cidade alegre e viva na parte superior do Minhocão, mas ao mesmo tempo, percebi a ausência de certos corpos comuns nos espaços públicos cotidianos, como os comerciantes ambulantes ou mesmo moradores de rua. Estes somente foram observados nas entradas de Elevado, do lado “de fora” da grade, ao menos, até a minha visita outro universo.

Figura 3 - Cartografia do transbordamento: os afetos envolvidos na ação de mudar a posição da cadeira. Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No universo de baixo do Minhocão (a outra face da moeda)

No dia 31 de maio, em outro percurso, em uma sexta-feira quente com bastante sol, no período da tarde, avancei na direção da parte de baixo do Elevado. Neste novo ambiente existiam muitos movimentos diferentes não tão reconhecíveis como na parte de cima do Elevado, tais como: o fluxo constante dos automóveis pelas avenidas, os movimentos na ciclovia, os pedestres caminhando de forma apressada e nervosa, os moradores de rua entre as pilastras do Elevado e as inúmeras atividades comerciais da região central da cidade. Tudo isso apenas reforçava a sensação que senti de privilégio da parte superior do Elevado. Nesse ambiente, também observei a existência de alguns elementos visuais que chamam a atenção na cidade, especialmente, os diversos grafites e expressões urbanas como pichações, lambe-lambe, adesivos e cartazes, pintados nas pilastras do Minhocão e nas edificações do entorno.

Caminhei pelo entorno do Minhocão, enquanto observava a sua marquise entre as pilastras, a uma certa distância e permanecendo na calçada do outro lado da Avenida. Apesar da minha proximidade, não conseguia adentrar o baixio do Elevado, mesmo estando a plena luz do dia. Por um lado, não me sentia pertencente aquele ambiente, a diferença escancarava intensamente a minha frente e, por mais que desejasse conhecer aquele local, temia pelas possíveis reações que precisaria enfrentar. Como estava sozinha e com celular em mãos, a sensação de perigo somente aumentava.

Chamou minha atenção a presença de muitas pessoas em situação de rua, vivendo entre as pilastras do Elevado. Além disso, havia muito de lixo espalhado pelo local e sombreamento na área. Ao caminhar por quase toda a extensão do Elevado, ainda sem conseguir entrar embaixo da marquise, notei um grande número de pessoas em



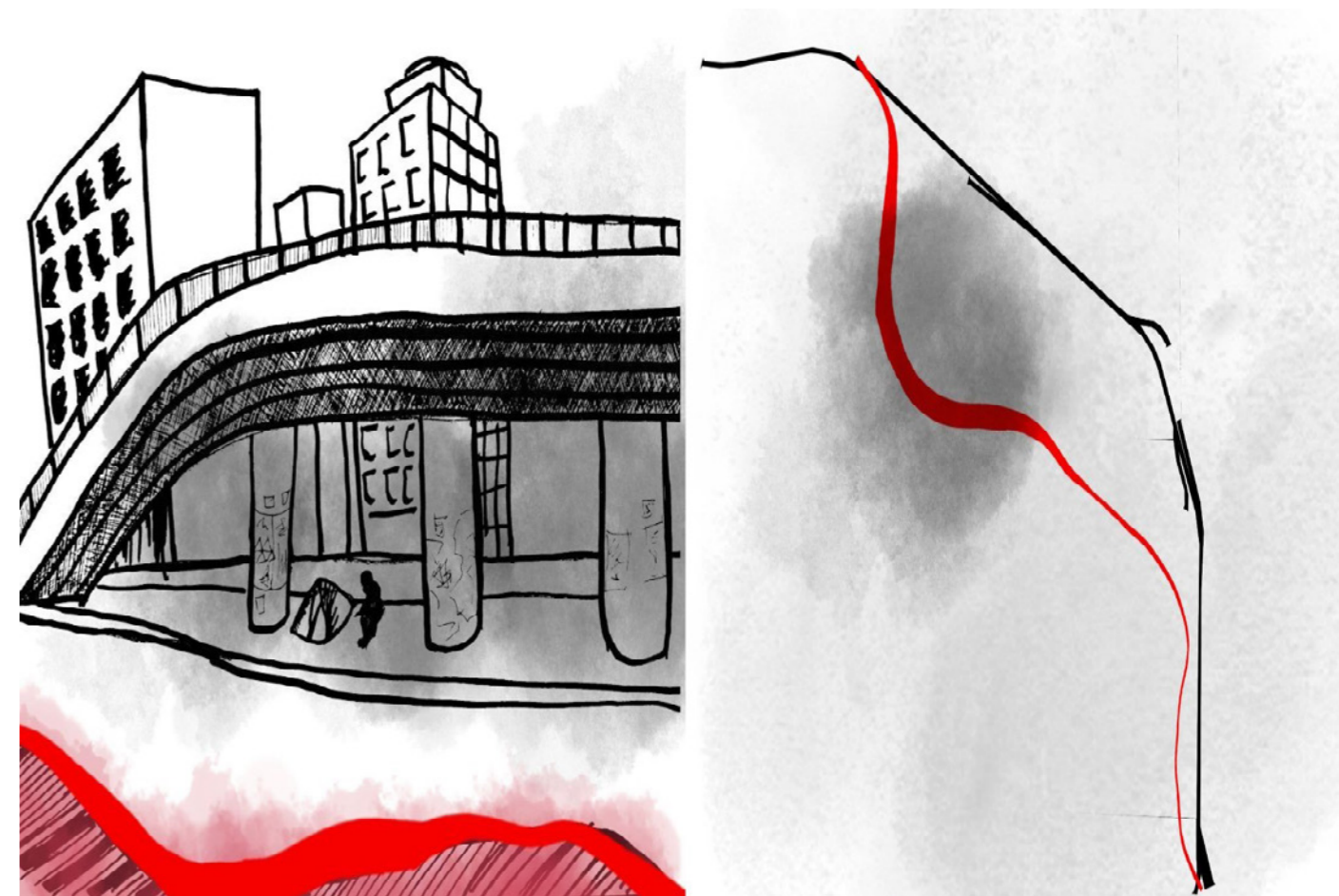
Figura 4 - Pessoas iluminadas em cima no Parque Minhocão e pessoas à sombra à sombra no baixo do Minhocão. Fonte: Acervo da autora (2024).

vulnerabilidade social, vivendo em suas tendas e barracas, com suas carroças cheias de papelão ou dormindo no chão entre as pilastras, em contraste com as pessoas vistas na parte de cima aproveitando o dia de sol no Parque Minhocão (Figura 4).

Circudei o Minhocão por mais ou menos 30 metros, durante esse trajeto meu olhar não abandonava o ambiente embaixo do viaduto, procurando algo que me convidasse a entrar. Meu caminhar variou de intensidade, às vezes com uma velocidade mais lenta, às vezes mais rápida, conforme avistava algo que pudesse me colocar em risco, por exemplo, de ser assaltada ou assediada. Vez ou outra eu direcionei meu corpo para entrar no ambiente, mas algo me fazia regressar. Não consegui identificar alguma mulher embaixo do viaduto, meu olhar se embaralhava com muitas informações sensoriais: uma grande quantidade de lixo espalhado no local, com um forte odor que me afetava e dificultava ainda mais a minha aproximação, a presença confusa de pessoas, colchões, barracas e alguns animais.

Não consegui adentrar esse outro território! Nos dias que caminhei sobre o Elevado, de alguma forma, meu corpo parecia que, mesmo tão perto, não os sentia. Agora frente a frente, simplesmente, não consegui alcançá-los. A tentativa sem sucesso me afetou, o meu sentimento era inegavelmente de tristeza, mesmo que já vivenciasse a realidade de São Paulo quase que cotidianamente, em nenhum momento minha atenção estava tão voltada para aquela população. Esse processo de aproximação a esse território foi cartografado (Figura 5).

No domingo dia 18 de agosto, após o contato com outros pesquisadores com experiência nesse local, consegui adentrar o território da parte de baixo do Minhocão. Ao passar por uma pilastra encontrei com a mulher (5), já próxima ao Castelinho da Rua Apa. Aproximei-me dela, oferecendo um pacote de absorventes, uma estratégia que aprendi com os pesquisadores. A mulher estava sentada na ponta de um colchão depositado



no chão, com as pernas cruzadas, ao lado de outros cinco rapazes ali deitados, entre as pilastras do Elevado e voltados para a Praça Marechal Deodoro.

Nesse momento a conversa fluía, me contou muitas histórias, enquanto buscava sempre observar seu corpo, seus comportamentos e reações. Notei que ela era bastante magra e estava sentada com o corpo bem curvado, como se tivesse voltado para o chão. Do mesmo modo, o seu olhar, que em alguns momentos me fitava rapidamente, voltava-se para baixo ou ainda para frente, perdido. Ela estava sentada no colchão, com as costas curvadas para frente, parecendo estar cansada. O lugar que nos encontrávamos formava um ambiente, com o colchão, a ocupação e a pilastra do viaduto, contudo, ainda que fosse possível ler como um ambiente, era totalmente atravessado pela visão de todos. Perguntei se ela já tinha acessado a parte de cima do Minhocão, respondeu-me que já havia tentado subir, mas que sua experiência não tinha sido muito agradável, pois a olharam feio e falaram que não deveria estar ali.

Eu senti que ela precisava de alguém que a ouvisse, que parasse e prestasse atenção nela. Assim, logo no início da troca me agachei para ouvir melhor, até porque havia um intenso movimento dos ônibus e automóveis com muito ruído. Em alguns momentos, cansada de permanecer agachada me levantava e continuava a conversa de pé. Depois voltava a me agachar para ouvi-la, até que, após um tempo, tomei a decisão de me sentar no chão, de frente para ela, do mesmo modo que ela estava: com as pernas cruzadas. Essa minha ação refletiu como uma forma de adentrar em um território antes desconhecido e até mesmo temido por mim.

Tratava-se de um território complexo, marcado fisicamente por uma série de elementos como colchões, cobertores, papelões e os seus pertences guardados em sacolas e caixas. Ali não estavam as suas barracas, pois lhes foram roubadas no dia anterior em uma ação truculenta da polícia. A formação desse território se dá, por um lado, por

Figura 5 - Cartografia da aproximação do território de baixo do Minhocão. Fonte: Elaborado pela autora (2024).

meio de barreiras invisíveis construídas socialmente, por outro, pela presença desses elementos físicos na formação de ambientes.

Assim, o ato de me sentar ali junto dela foi um processo difícil, que envolvia estar sentada no chão sujo da calçada e de costas para o movimento da rua. Contudo, senti ser uma ação necessária. Com esse movimento, busquei me aproximar ainda mais da mulher (5), tentando confrontar possíveis tipos de relação de poder que havia entre nós duas. Permaneci de frente a ela, sentada no chão com as pernas dobradas, e de costas para a rua. Neste momento, percebi que nos conectamos de uma maneira mais profunda, ouvindo atentamente o que viviam. Diante disso, o processo desse movimento foi escolhido para ser cartografado (Figura 6).

Discussão de resultados

Em relação aos recursos metodológicos empregados, o diário de bordo demonstrou eficiência no registro de comportamentos e reações, como vestígios de afetos oriundos da observação participante. Contudo, muitas vezes é difícil e chamativo anotar durante o episódio observado, de modo a ser utilizado posteriormente, algo que o deixa mais suscetível a imprecisões e interpretações. Por outro lado, em plena concordância com Punch (2012), os registros em diário permitem que a própria pesquisadora examine seus desafios e emoções pessoais em relação ao processo de pesquisa, evitando que a pesquisa obscureça lutas e conflitos que emergem durante o trabalho. Desse modo, o diário se revelou importante instrumento para posicionalidade e reflexividade.

Os diferentes níveis de atenção (Kastrup, 2009) ajudaram a entender a relação dinâmica entre a percepção do ambiente e as diferentes circunstâncias de encontro e escala de aproximação. Desse modo, o corpo aparece sempre situado, em outras palavras, entendido por meio das relações com outros corpos e nos momentos de afecção. Por exemplo, se em algum momento, de forma mais genérica, percebe-se a importância da proximidade ao acesso do Minhocão como critério para escolha do lugar de permanência. Por outro, esta mesma proximidade será a motivação, agora em outra escala de atenção, para uma mulher se incomodar com os olhares e girar a sua cadeira, cessando qualquer comunicação. A fonte de segurança de algum momento, tornou-se a insegurança de outro. Assim, os diferentes níveis de atenção, como também a escala da observação, fazem com que cada caminhada seja única, relevando complexidades e ambiguidades dos lugares.

Percebeu-se que um espaço como um canto pode servir de abrigo a uma pessoa, por exemplo, contudo, em espaços mais abertos, a identificação pareceu colaborar como forma de proteção. Como observa Friedman (1998), a identidade está em constante mudança, a mesma mulher segura diante de um grupo específico, se mostra incomodada diante dos olhares de outro grupo. A leitura do lugar aqui é amplamente relacional, em função da posição e situação, algo que conseguiu ser mais bem observado a partir de expressões corporais, toques, gestos, posturas e até mesmo as distâncias entre os corpos. Assim, os ambientes e espaços se mostraram em constante dinamismo, como a cadeira que gira, voltados a pequenas circunstâncias, ao invés de leituras mais genéricas e grandiosas. Este dinamismo implica no questionamento das bordas rígidas e definidas, com atenção a um possível e constante transbordamento, onde a produção de conhecimento é relacional e contextual.

Um aspecto importante se volta para a territorialização junto a construção do corpo-território (Ornat, 2008). Durante as caminhadas foi reconhecido o emprego de objetos para a construção de ambientes/territórios dentro dos lugares. Dessa maneira os tapetes, cadeiras e guarda-sóis empregados pela Prefeitura não são tão diferentes



Figura 6 - Cartografia do processo de sentar-se no chão no baixo do Minhocão. Fonte: Elaborada pela autora (2024).

dos papelões, colchões e caixas utilizados pelos moradores de rua na formação de bordas espaciais. Entretanto, nestes ambientes, o corpo também surge como meio de territorialização, observou-se como as formas de cessar comunicação (a moça que gira a cadeira, que usa o fone de ouvido, lê o livro ou olha curvada para baixo) buscavam comunicar limites. Nesse sentido, por exemplo, as noções de perto e longe não são especificamente voltadas para dimensões relacionais extensivas, mas também intensivas e transbordantes.

Por fim, os modos de classificação e categorização, por outro lado, parecem reforçar os códigos de segregação. Os modos de se comportar e vestir, por exemplo, produzem certa unidade aos usuários de cima do Minhocão, que reforçam suas diferenças para os usuários de baixo. De algum modo, o ambiente festivo de cima, reconhecido por sua “diversidade”, parece funcionar como um mecanismo de aumento de potência para seus usuários, ao mesmo tempo em que diminui os de baixo. Assim, tudo parece limitado as suas bordas, entretanto, com graus de atenção diversos, observa-se mundos dentro de mundos e compartilhamentos de estratégias por parte das mulheres

de cima e de baixo. Ao final, novamente recorrendo a Punch (2012), a posicionalidade por categorias (como gênero, classe, etnia etc.) não pode evitar aspectos mais controversos e reflexivos como os relacionados a personalidade e sensações. Nesse sentido, não se pode negar o transbordamento da própria pesquisadora como modo de conhecer e entender a cidade, com uma revelação mais transparente das lutas que emergem antes, durante e depois do trabalho de campo.

Conclusão

A pesquisa parte das ferramentas produzidas pela epistemologia feminista e pelas discussões sobre o afeto para buscar refletir uma experiência de cartografia e leitura transbordada do espaço do Minhocão. Buscou-se através de um conhecimento corporificado trazer e agregar novos conteúdos as imagens aderentes ao Minhocão. Dessa forma, se por um lado esse equipamento público pode ser resumido à imagem de um viaduto de carros, por outro pode sugerir a potencialidade de um parque aberto e aos movimentos de ativistas pró-direito à cidade. Do mesmo modo, se por um lado pode transparecer uma herança obsoleta da ditadura, por outro, pode sugerir a atenção aos movimentos de democratização da cidade. Contudo, ainda que estas descrições tratem de diversas imagens sobrepostas da cidade, não passam de visões dentro de suas respectivas bordas.

A leitura corporificada do local permitiu reflexões sobre micro espaços e comportamentos que, de algum modo, podem auxiliar a pensar além destas referidas bordas. A situacionalidade e posicionalidade, por exemplo, trouxeram a constante reflexão sobre o papel do corpo da pesquisadora frente aos demais corpos no local, ajudando a entender as relações entre estes, de forma a inibir ou potencializar movimentos, como quando a mulher tomando sol girou sua cadeira.

Nesse sentido, o espaço ganha significados diversos a partir da presença e posicionamento das pessoas. Desse modo, interseccionalidades entre gêneros, idades, classes e sexualidades, também se tornam fundamentais para definição de territórios e espaços seguros ou segregados. Por outro lado, ainda que o espaço sugira liberação e democratização, não é possível ignorar a ambientação de privilégio e apagamento presente ali. A reflexividade proposta permite pensar em um transbordamento que vai além da parte superior e de baixo do viaduto, onde suas conexões se dão pelas ausências marcantes de um mundo sobre o outro.

Por fim, as leituras das expressões corporais, dos encontros e relações, primordialmente pré-conscientes, ajudaram a pensar como os grupos se aproximam ou repelem uns aos outros, do mesmo modo, como ao final, constitui territórios mais ou menos difíceis de atravessar. Depois de tudo, na busca de transbordamentos, algumas bordas podem ainda demandarem mais esforço para serem superadas. O transbordamento pode não ser um fim, mas um importante e valioso caminho.

Referências

ANDERSON, Ben. Becoming and being hopeful. Towards a theory of affect. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 24, n. 5, p. 733–752, 2006.

BARAD, Karen. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Duke University Press, 2007.

BARBOSA, Eliana Rosa de Queiroz. *Minhocão Multiples Interpretations*. Arqtextos,

São Paulo, v. 13, n. 147.03, Vitruvius, 2012.

BARBOSA, Eliana Rosa de Queiroz; MARINO, Cintia Elisa de Castro. *Minhocão: reterritorializações afetivas nas disputas urbanas contemporâneas*. *Cadernos Metrôpole*, v. 23, n. 51, p. 519–545, 2021.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. *Cartografar é acompanhar processos*. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BISSELL, David. *Passenger Mobilities: Affective Atmospheres and the Sociality of Public Transport*. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 28, n. 2, p. 270–289, 2010.

BRENNAN, Teresa. *The Transmission of Affect*. Cornell University Press, 2004.

CLOUGH, Patricia. *Future Matters: Techno- science, Global Politics, and Cultural Criticism*. *Social Text*, v. 22, n. 3, p. 1–23, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. *Intersectionality's Definitional Dilemmas*. *Annual Review of Sociology*, v. 41, n. 1, p. 1–20, 2015.

COMOLATTI, Athos; SENA, Jaqueline; VON POSER, Paulo; LEVY, Wilson. *O Parque Minhocão e a alma da cidade*. *Minha Cidade*. São Paulo, n. 166.01, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. *University of Chicago Legal Forum: Vol., Article 8*, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.

DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Trad. para o Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. (3 ed). EdUECE: Fortaleza, 2019.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza e as três "Éticas"*. In: DELEUZE, G. *Critica e clínica*. São Paulo: Editora 34, p. 156-170, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

D'IGNAZIO, Catherine; KLEIN, Lauren Frederica. *Feminist data visualization*. IEEE VIS Conference, Baltimore, EUA, outubro, p. 23–28, 2016.

ENGLAND, Kim. Getting Personal: Reflexivity, Positionality, and Feminist Research. *The Professional Geographer*, v. 46, n. 1, p. 80–89, 1994.

FIORI, Ana Leticia. Conexões da interculturalidade: cidades, educação, política e festas entre Sateré-Mawé do Baixo Amazonas. 489 f. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2018.

FIORIN, Evandro; HIRAO, Hélio (Org.). (2019). *Cartografias da cidade*. 1. ed. Tupã-São Paulo: Anap., v.1.158p.

FRIEDMAN, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton University Press, 1998.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.

HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. Routledge, New York, 1991.

HARDING, Sandra. *The Science Question in Feminism*. Ithaca, N.Y., Cornell University Press, 1986.

HARDING, Sandra. Introduction: Is there a feminist method? In: HARDING, S. (Ed.). *Feminism and methodology: Social science issue*. Bloomington: Indiana University Press, 1987. 1, p. 1-14.

HEKMAN, Susan. *Gender and Knowledge: Elements of a Postmodern Feminism*. Northeastern University Press, Boston, 1990.

HUTTA, Jan Simon. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. *Caderno Prudentino De Geografia*, v. 2, n. 42, p. 63–89, 2020.

KELLY, Megan; BOSSE, Amber. Pressing Pause, 'Doing' Feminist Mapping. *International Journal for Critical Geographies*, v. 21, n. 4, p. 399-415, 2022.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho cartográfico. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KNUDSEN, Britta Timm; STAGE, Carsten. *Affective Methodologies: Developing Cultural Research Strategies for the Study of Affect*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2015.

KOBAYASHI, Audrey. GPC Ten Years On: is self-reflexivity enough? *Gender, Place & Culture*, v. 10, n. 4, p. 345-349, 2003.

KWAN, Mei-Po. Feminist Visualization: Re-Envisioning GIS as a Method. *Feminist Geographic Research. Annals of the Association of American Geographers* 92 (4): 645–661, 2002a

KWAN, Mei-Po. Introduction: Feminist Geography and GIS. *Gender, Place, and Culture: A Journal of Feminist Geography* 9 (3): 261–262, 2002b.

LARA, Ali. *Mapping Affect Studies*. Athenea Digital. 20(2). 1-18, 2020.

LEVY, Wilson. Esfera pública, interesse público e o Parque Minhocão. *Arquitextos*. São Paulo, n. 165.06, 2014.

LEVY, Wilson. *Parque Minhocão. Cidade e democracia: novas perspectivas*. Minha Cidade. São Paulo, n. 175.04, 2015.

LLYOD, Genevieve. *The Man of Reason: "Male" and "Female" in Western Philosophy*. Routledge, New York, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico; NOGUEIRA, Mariana Hangai Vaz Guimarães; CHIQUETTO, Rodrigo Valentim; TAMBUCCI, Yuri Bassichetto. *Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

MARINO, Cintia. Ativismo e apropriação do espaço urbano em São Paulo. *Arq.Urb*, n. 23, p. 170-184, 2019.

MASSUMI, Brian. *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation*. Duke University Press, 2002.

McCORMACK, Derek. An event of geographical ethics in spaces of affect. *Transactions of the Institute of British Geographers*. v. 28, p. 488–507, 2003.

McDOWELL, Linda. Doing gender: feminism, feminists and research methods in human geography. *Transactions, Institute of British Geographers*, v. 17, p. 399-416, 1992.

McDOWELL, Linda; SHARP, Joan. *Space, gender, knowledge: feminist readings*. London: Arnold, 1997.

McLafferty, Sara. Mapping Women's Worlds: Knowledge, Power and the Bounds of GIS. *Gender, Place and Culture: A Journal of Feminist Geography*, v. 9, n. 3, p. 263–269. 2002.

MOHANTY, Chandra. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. *Feminist Review*, v. 30, p. 61–88, 1988.

MOHANTY, Chandra. Under Western Eyes' Revisited: Feminist Solidarity through Anticapitalist Struggles. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 28, n. 2, p. 499–535, 2003.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. *Terra Plural* 2, n. 2, 309–22, 2008.

PILE, Steve. Emotions and affect in recent human geography. *Transactions of the Institute of British Geographies*. v. 35, p. 5–20, 2010.

PUNCH, Samantha. Hidden Struggles of Fieldwork: Exploring the Role and Use of Field Diaries. *Emotion, Space and Society*, 5, 86–93, 2012.

ROSE, Gillian. *Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993.

ROSE, Gillian. Situating Knowledges: Positionality, Reflexivities and Other Tactics. *Progress in Human Geography*, v. 21, n. 3, p. 305–320, 1997.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Geo UERJ*, v. 1, n. 18, p. 3-19, 2008.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN, Alides Baptista Junior. Não me chame de senhora, eu sou feminista! Posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. *GEOgraphia*, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 19, p. 11-20, 2017.

SIMPSON, Paul. *Non-representational theory*. Routledge: Londres, 2020.

SMITH, Jonathan; FLOWERS, Paul; LARKIN, Michael. *Interpretative Phenomenological Analysis: Theory, Method and Research*. London: SAGE Publications Ltd, 2009.

STAEHELI, Lynn; KOFMAN, Eleonore; PEAKE, Linda. (Orgs.). *Mapping Women, Making Politics: Feminist Perspectives on Political Geography*. London New York: Routledge, 2004.

STUBBLEFIELD, David. We have never been rational: a genealogy of the affective turn. In: ZHANG, Lei; CLARK, Carlton. (Eds). *Affect, emotion and rhetorical persuasion in mass communication*. Routledge: Londres, 2018.

THRIFT, Nigel. Intensities of Feeling: towards a spatial politics of affect. *Emotion*, vol. 86, n. 1, p. 57-78, 2004.

VAGLE, Mark. *Crafting Phenomenological Research*. Nova Iorque, Routledge, 2018.

YONEZAWA, Fernando Hiromi. Só a alegria produz conhecimento: corpo, afeto e aprendizagem ética na leitura deleuzeana de Spinoza. *Educação: Teoria e Prática*. v. 25, n. 48, p. 186–199, 2015.